

O Primado Universal de Cristo em São Lourenço de Brindisi.

Pelo Pe. Dr. Frei Teodoro de A. Chaves, O. F. M. Cap.,
Professor de Dogma, Pôrto Alegre, R. S.

O Sumo Pontífice João XXIII, na audiência concedida ao Emo. Cardeal Cicognani, a 14 de novembro de 1958, dez dias depois de sua coroação, mostrou-se benévolo e inclinado a outorgar o título de Doutor a São Lourenço. E no dia 28 de novembro a S. C. dos Ritos deu o Decreto e, por concessão do Santo Padre, se redigiram as Letras Apostólicas *Celsitudo ex humilitate*, assinadas no dia 19 de março do presente ano, declarando a São Lourenço de Brindisi, O. F. M. Cap., Doutor da Igreja Universal. Nas pp. 379-382 do fascículo anterior resumimos os principais dados bio-bibliográficos do grande Capuchinho. Seja-nos permitido apresentar agora uma pequena amostra da doutrina teológica dêste notável santo e sábio capuchinho. Nossa escolha recai sôbre uma tese central da Cristologia, que nem sempre é tratada convenientemente em nossos manuais de Teologia e, por vêzes, até bastante maltratada. Sôbre ela precisamente o novo Doutor da Igreja nos tem a dar uma lição exata e profunda.

Introdução.

Do grande movimento de estudos que foi a Escolástica originaram-se as diferentes Escolas, que, nos séculos seguintes, continuaram as pesquisas no campo da Filosofia e da Teologia. Uma destas Escolas é a Franciscana, que reconhece seus Mestres em São Boaventura, B. João Duns Escoto, Alexandre de Hales, etc. Esta Escola tem suas posições bem definidas em várias teses filosóficas e teológicas. Uma tese pela qual os Teólogos Franciscanos lutaram durante séculos, e que chegou ao triunfo definitivo pela palavra infalível do Sucessor de São Pedro, é a da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria. Existe, porém, outra tese que, para a Escola Franciscana, é ainda mais importante e fundamental: a do Primado Universal de Cristo.

O "pobre e humilde" São Francisco de Assis, com sua piedade simples e ardente, iniciou (ou, ao menos, favoreceu) um movimento cristocêntrico. Os mistérios do Filho de Deus feito homem, especialmente: Presépio, Paixão e Morte, Eucaristia, formaram o assunto constante das meditações do Serafim de Assis, até se transformar numa perfeita imagem de Jesus Crucificado. A palavra de Cristo, no seu Evangelho, é,

para Francisco, "a vida e a regra dos Frades Menores". Cristo é o ideal, o modelo perfeito; n'Ele e por Ele temos tudo o que somos.

Este primeiro germe cristocêntrico desabrochou, por meio dos grandes Mestres Franciscanos, numa maravilhosa e harmônica síntese teológica, fundamentada na Escritura e na Tradição Patrística. Eis esta síntese, em suas linhas fundamentais:

1.º Deus é caridade e ama infinitamente a si mesmo.

2.º Deus ama-se em suas criaturas que, num ato livre e eterno de amor, decretou tirar do nada.

3.º Deus quer ser amado por um amor sumo; por um amor que seja digno do amor que Ele dá às suas criaturas.

4.º Para este fim Deus prevê e decreta a existência de um Coração que O amasse em sumo grau.

5.º Este amor sumo verifica-se em Cristo Jesus, que é, portanto, o Primeiro Predestinado à Glória e à Graça.

6.º Os demais seres inteligentes da criação, anjos e homens, foram predestinados em Cristo e para Cristo, "ante tempora saecularia".

7.º O pecado de Adão não constitui senão um acidente, previsto e permitido por Deus, que proporcionaria a Cristo mais um título de glória, o de Redentor da humanidade.

8.º Cristo, portanto, é o Primogênito dentre todas as criaturas. Cabe-Lhe o Primado em tudo, tanto na ordem de fato, como na ordem das intenções divinas.

Esta harmoniosa síntese cristocêntrica não se encontra facilmente nos manuais ordinários de Teologia, os quais, na maioria dos casos, se contentam com a simples pergunta: "Se Adão não tivesse pecado, o Filho de Deus ter-se-ia encarnado?" Posição errada e que muitos, infelizmente, resolvem com grande superficialidade, satisfazendo-se com a citação de alguns textos, que dizem uma verdade bem clara e que todo cristão deve crer, i. é, que o Verbo se fez homem para nos salvar; mas não dizem toda a verdade acerca dos motivos da Encarnação, motivos claramente contidos no depósito revelado.

Nem faltam os que se expedem da questão com esta inacreditável resposta: Bela teoria, mui conforme à nossa razão, mas sem fundamento nas Escrituras e na Tradição...

Repetimos, esta admirável síntese, toda harmonia, unidade e logicidade, não é uma bela teoria, uma hipótese maravilhosa, fabricada pela inteligência aguda do Doutor Sutil e seus discípulos. Esta síntese representa, como escreve São Francisco de Sales, grande defensor da Tese do Primado Universal, a expressão mais lídima da S. Escritura e da Tradição Patrística.

Nenhum defensor da Tese cristocêntrica pensou, ou pensa em fazer belas hipóteses, ou inteligentes suposições. Todos estão bem convencidos que se trata da realidade mais real: o Cristo Rei Universal, no qual cremos e que adoramos, é o

Cristo a quem devem tôdas as graças os anjos e os homens; o Cristo, Redentor da humanidade decaída, é o Primogênito dentre tôdas as criaturas. Cristo é, nas intenções de Deus, o Primeiro, em vista do qual e para o qual Deus quis as demais criaturas: antes o Rei, depois sua Côrte. Não é Cristo um belo "remendo" para um grande estrago...

Defendem a Tese do Primado de Cristo não sòmente Teólogos Franciscanos, mas os temos em tôdas as Ordens e Congregações, como entre o Clero secular. Além do citado São Francisco de Sales, temos: Santo Alberto Magno, O. P.; Suárez, S. J.; Scheeben; Bougaud; Risi, etc., etc. Especialmente entre os modernos, nota-se um movimento sempre maior em favor da Tese do Primado Universal e, se os "Idola scholae" não embaraçassem o caminho, teríamos, certamente, chegado ao fim, com uma universal e pacífica posse desta verdade.

São Lourenço de Brindisi, filho da Ordem Franciscana, não podia ignorar, ou tratar superficialmente, uma questão de tamanha importância para a teologia; seu gênio especulativo e a penetração que êle possuía das Sagradas Escrituras, como o conhecimento dos Santos Padres, ofereciam-lhe inúmeros argumentos para firmar sempre mais a posição franciscana.

O Santo Capuchinho tem textos e alusões à tese do Primado, um pouco por tôda parte, em seus escritos. Pode-se dizer que não perdia ocasião, que se lhe oferecesse, para falar sôbre o assunto que lhe enchia a alma e o coração. Onde, porém, expõe diretamente a tese do Primado, reunindo, em poucas páginas, os maiores argumentos da Teologia positiva e escolástica, é em dois sermões do seu *Mariale*: Iº e IIº sermão *Super missus est*, pp. 77-87.

1) "De Incarnationis Mysterio ante omnia praedestinato".

O primeiro sermão, cujo título é: "De Incarnationis Mysterio ante omnia praedestinato", compreende sete pontos, condensados em seis páginas de texto. Não temos, portanto, um sermão escrito por extenso, mas um simples esquema do que o santo Pregador disse perante o povo. O sermão foi pronunciado "In Festo Annuntiationis Beatae Mariae Virginis", i. é, no dia em que se realizou o divino mistério da Encarnação do Filho de Deus. Acompanhemos a exposição dos sete pontos:

1) O Santo começa, dizendo: "Proponitur nobis hodie inefabile divinae Incarnationis sacramentum, quod opus est infinitae caritatis et pietatis Dei erga nos", e cita Jo 3, 16: "Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho Unigêni-

to”, e, em seguida, 1 Tim 3, 16: “E evidentemente é grande o mistério da piedade, que se manifestou na carne, que foi justificado pelo Espírito...”, e mais textos que lembram a caridade de Deus para com a humanidade, entregando Deus Pai seu Filho Unigênito à morte da Cruz, para livrar-nos do pecado e nos merecer a graça e a glória. Isto na primeira parte do primeiro ponto.

Na segunda parte dêste mesmo ponto, passa o Santo a outra ordem de idéias: Se é verdade que o Filho de Deus se fêz homem para nos salvar, não é menos verdade que a redenção do homem pecador não foi o único, nem o prevalecente motivo do mistério da Encarnação.

Onde as provas desta segunda asserção?

São Lourenço entra no assunto com o seguinte argumento: Conforme São Paulo (Ef 3, 8-11; 1 Tim 3, 16), o mistério da Encarnação foi revelado aos Anjos antes da criação do mundo; como também, segundo o mesmo Apóstolo, Adão inocente teve conhecimento dêste mistério, como prova Santo Agostinho, baseado em Ef 5, 32. — Continua com o argumento patristico, provando por meio de São Jerônimo, Santo Epifânio, Tertuliano, etc., que os Anjos, antes da criação do mundo, e Adão, antes do pecado, tiveram conhecimento do mistério da Encarnação do Verbo. Ora, como podia êste mistério ser conhecido pelos Anjos antes da criação do mundo material, e por Adão inocente, se o motivo determinante da Encarnação foi tão somente o pecado de Adão? Impõe-se, pois, a conclusão que a Encarnação do Verbo foi decretada por Deus antes do pecado do primeiro homem e independentemente do mesmo pecado.

2) No segundo ponto do seu sermão o Santo expõe esta mesma conclusão, recorrendo à autoridade dos Teólogos: “*Hinc multi ex sacris Theologis colligunt quod, etiam si non peccasset Adam, Christus tamen incarnatus fuisset; quoniam ante peccatum revelatum fuit ei [Adamo] mysterium Incarnationis et de eo prophetavit*”. E cita Santo Tomás, que em sua 2, 2, q. 2, a. 7, ensina que Adão, antes do pecado, fêz explícito ato de fé no mistério da Encarnação, “*quatenus ordinabatur ad consummationem gloriae*”; portanto, conclui nosso Pregador, se Cristo não tivesse vindo como Redentor, “*venisset ut fons gratiae et auctor gloriae*”.

E continua: “*Et quidem mirabile est quod in hodierno Evangelio nulla fit mentio de peccato (Lc 1, 26-38), sed solum de tanti mysterii excellentia... Unde elucet quod in aeterno Christus electus et praedestinatus fuit unicus Filius Dei, heres*

Dei, Rex paradisi, caput omnium electorum, Dominus etiam angelorum; praedestinatus fuit ut communicaretur Ei omnis plenitudo Divinitatis. Unde maior est sanctitas, gratia, gloria et excellentia Christi eiusque animae, quam excellentia omnium Electorum, hominum et angelorum; Ipse enim sol est iustitiae et gloriae". Cristo é o Unigênito Filho de Deus, é também o Herdeiro universal, Rei e Chefe dos eleitos, Senhor dos Anjos... Diante disto, a razão exige uma ordem lógica, nos decretos eternos de Deus; e a ordem lógica que se impõe é a de considerar a Cristo como o Primogênito de tôdas as criaturas nos planos das obras de Deus.

3) No terceiro ponto do sermão, mais uma citação de Santo Tomás (P. 1, q. 22, a. 4; e q. 25, a. 6) em que se ensina que Deus ama mais a alma de Cristo do que tôdas as outras almas, por ser a Alma que tem maior valor; por ser Cristo "seu Filho predileto, no qual pôs tôdas as suas complacências", assim como o rei ama mais a seu filho único do que a todos os servos...

E o Santo sabe deduzir suas conclusões: "Non fuit praedestinatus Christus propter Electos; sed Electi omnes propter Christum, in gloriam Christi", como escreve o Apóstolo aos Efésios (1, 3-6): "Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo que nos abençoou com tôda a bênção: que é espiritual, está nos céus, em Cristo. Assim nos escolheu n'Ele antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados diante d'Ele em amor, predestinando-nos à adoção de filhos por Jesus Cristo, para Ele, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor da glória da sua graça, com que nos agraciou em seu Bem-amado". — "Unde manifeste docet Paulus quod omnes Electi in gloriam Christi praedestinati sunt". Ora, se todos os Eleitos foram predestinados para a glória de Cristo, é claro que Cristo antecede a todos nas intenções divinas.

Vêm mais algumas citações, para provar que tudo, no mundo, foi por Deus subordinado a Cristo: "Tudo é vosso, escreve São Paulo, 1 Cor 3, 22-23, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus". E aos Filip 2, 10: "Para que ao Nome de Jesus se dobre todo o joelho, no céu, na terra e no inferno"; portanto, todos são servos de Cristo: Anjos, homens e demônios. Cita mais o prólogo da Epístola aos Hebreus, onde se exalta a excelência de Cristo, acima de tôda a excelência criada.

O Santo Doutor conclui êste ponto com o texto que, sem contestação, é o mais claro e irrefutável, sôbre o Primado universal de Cristo: Col 1, 15-18: "[Cristo] é a imagem de Deus invisível, *Primogênito de tôda criatura*: porque nêle foram cria-

das tôdas as coisas, as do céu e as da terra, as visíveis e as invisíveis: Tronos, Dominações, Potestades; tudo foi criado por Ele e *para Ele*. Ele é antes de tudo, e tudo subsiste n'Ele. E Ele é a cabeça do corpo da Igreja; Ele é o princípio, o Primogênito dos mortos, para que Ele seja em tudo o *Primeiro*".

A conclusão se impõe: Cristo, enquanto homem, é a primeira criatura predestinada "*Primogenitus omnis creaturae*", o que se lê também, diz o Santo, no Salmo 38, 8: "In capite libri scriptum est de me": em tôdas as manifestações de Deus, Cristo ocupa o primeiro lugar; Ele é, realmente, o cabeça-lho do grande livro da criação.

O livro dos Provérbios confirma tudo isto (8, 22-23): "O Senhor possuiu-me desde o início dos seus caminhos, antes que criasse coisa alguma, desde o princípio; desde tôda a eternidade fui predestinada, desde os tempos mais remotos, antes que existisse coisa alguma", assim fala a divina Sabedoria encarnada, Jesus Cristo.

4) No IVº ponto do sermão passa o Santo a provar que Cristo "*non solum prima est creatura praedestinata, sed etiam causa exemplaris atque finalis praedestinationis Sanctorum*".

Que Cristo é causa exemplar dos Santos, prova-o com textos da Epístola aos Romanos. Assim 8, 29: "Porque os que de antemão Ele conheceu, também os predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, para que êste seja o Primogênito entre muitos irmãos": Todos os Santos foram escolhidos e subordinados a Cristo, para a glória de Cristo, como convém ao Filho Unigênito (em a natureza divina) e ao Primogênito de Deus (em a natureza humana).

E o Santo prossegue: "*Sic ob Christi maiorem gloriam existimo permisisse hominis peccatum, ut magis Christum glorificaret...*", como permitiu a enfermidade e a morte de Lázaro — "*ut glorificaretur Filius Dei per eum*" (Jo 11, 1). Como permitiu, no Antigo Testamento, que José fôsse vendido pelos próprios irmãos, para glorificá-lo no Egito, conforme revelações anteriores: "*Non enim Deus propterea glorificavit Ioseph, quia in eum fratres peccaverunt; sed permisit fratres in eum inique agerent, ut magis magisque glorificaret*".

"*Sic igitur non Christus propter Adam, sed Adam propter Christum creatus fuit... ergo etiam si Adam non peccasset, venisset in mundum Christus; alioquin si non peccasset Adam, nec creatus fuisset mundus, cum omnia propter Christum creata sint*".

Nesta última frase o Santo Doutor proclama a absurdidade de que se consegue, admitindo que "*tudo foi criado para*

Cristo", como é manifesto pela Sagrada Escritura, e sustentando, ao mesmo tempo, que a vinda de Cristo depende do pecado de Adão. Tôda a criação foi feita para Cristo... mas Cristo teria sido decretado unicamente para a redenção do pecado... portanto também a criação do mundo dependeria do pecado de Adão...

5) No Vº ponto do seu sermão São Lourenço prova que Cristo é o fundamento da criação do mundo: Em Prov 10, 25, lê-se, conforme o texto hebraico: "O Justo é o fundamento do mundo", e o Apóstolo São Paulo, 1 Cor 3, 11, escreve que ninguém pode pôr outro fundamento, diferente do que foi pôsto "Que é Cristo Jesus". "Fundamentum Christus est totius creaturae, totius gratiae et totius gloriae, quoniam finis est omnium, propter quem omnia creata sunt".

Segundo São Cirilo de Alexandria, continua nosso Doutor, Deus, na criação do mundo, comportou-se como sábio arquiteto que, construindo um palácio régio, lança "firmissimum fundamentum", para que acontecendo, com o tempo, estragar-se alguma parte do edifício, tendo êste sólidas bases, possa ser reparado o estrago. "Ita, inquit, Deus creator noster, Christum salutis nostrae fundamentum, etiam ante initium mundi, fundavit, ut, si praevaricatione caderemus, in ipso rursus renovaremur. Quare praedestinatus etiam Redemptor fuit Christus, si opus fuisset" (S. Cyrillus, *Thes.* libr. V, cap. 8).

O Santo Pregador, para tornar o conceito mais claro, serve-se de algumas comparações e exemplos: Assim aconteceu, diz êle, com Samuel, quando Deus o enviou para ungir a David como rei; a fim de que Saul não suspeitasse o que ia acontecendo, mandou Deus dissesse ter vindo a Belém, para oferecer um sacrifício... Ou também como aconteceria se alguém, tendo já determinado empreender uma viagem a Roma, para visitar o túmulo dos Santos Apóstolos, recebesse uma carta, em que se lhe pede empreenda a mesma viagem, para socorrer um seu amigo, que muito precisa dêle. Embora a viagem tivesse sido anteriormente decretada, pode-se dizer, com tôda a verdade, que foi a Roma para socorrer ao amigo necessitado... Ou como se um rico senhor tivesse determinado distribuir suas riquezas e encontrasse um paupérrimo que, sem aquela liberalidade, teria perecido. Pode-se dizer que a miséria do pobre moveu o rico a socorrê-lo, e de fato êle distribuiu — com maior largueza seus bens àquele indigente... Assim Deus, desde tôda a eternidade, decretou enriquecer-nos com o bem infinito da Encarnação do Verbo; mas êste mesmo bem socorreu nossa indigência, depois do pecado de Adão... Ou

como se lê do Profeta Elias, que foi a Sarepta, para morar em casa de uma viúva e preservá-la da carestia universal; mas, tendo falecido o filho da mesma viúva, Elias aproveitou da sua presença, para lhe ressuscitar o filho... Ou como lemos no Santo Evangelho que, indo Cristo à cidade de Naim, encontrou-se, no caminho, com um defunto, filho único de pobre mãe viúva, e, na ocasião, restituiu-lhe Cristo o filho vivo.

Conclui o ponto com estas palavras: "Et quidem, ut verum fatear, si, non peccante homine, Christus natus minime fuisset, magnas teneremur Adamo gratias agere, quia propter Adae peccatum factus esset homo super Angelos Deo aequalis ob hypostaticam unionem".

E' êste outro argumento de razão teológica: Seja embora a Encarnação do Filho de Deus obra da misericórdia e da infinita liberalidade de Deus para com os homens, não é menos verdade que o pecado de Adão teria sido ao menos ocasião da mesma; portanto, antes de detestarmos o pecado do primeiro homem, deveríamos alegrar-nos, porque nos proporcionou tamanha dignidade, qual é a da união hipostática com o Verbo, pela qual um Homem é, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus, recebendo, na unidade de Pessoa, honras divinas.

6) O VIº ponto do sermão começa assim: "Nec satis capio quomodo, in divina praescientia, praevisio peccati Adae praecesserit Christi praedestinationem; nam praescientia peccati praesupponit praescientiam gratiae, sicut mors praesupponit vitam, infirmitas sanitatem, privatio omnis habitum; et Adam prius fuit sanctus, quam peccator. Peccatum originale privatio est gratiae et iustitiae originalis; gratia autem praesupponit originem sicut fluvius fontem; Christus autem praedestinatus fuit fons totius gratiae et gloriae. Sic enim: "Verbum caro factum est... plenum gratiae et veritatis; et de plenitudine eius nos omnes accepimus".

O Santo toca, com êste argumento, outro ponto fundamental da tese do Primado universal de Cristo: Tôda a graça, para todos: anjos, homens, inclusive Adão inocente, é graça de Cristo. Isto ensinam explicitamente muitos Santos Padres. Se Cristo é a fonte de tôda a graça distribuída às criaturas racionais, segue-se, lógica e irrecusavelmente, que a predestinação de Cristo é anterior ao pecado; como não se pode falar em perda da graça, se a mesma graça não antecede o pecado. A vinda, portanto, de Cristo não pode ser condicionada ao pecado do Primeiro Homem.

7) No último ponto do seu sermão São Lourenço, baseado em textos dos Santos Padres, opera uma verdadeira re-

viravolta, provando que o pecado foi ocasionado pelo Mistério da Encarnação do Verbo.

Os Anjos foram os primeiros que pecaram, revoltando-se contra Deus; e o Primeiro Homem pecou, sob o influxo da tentação do anjo prevaricador. Ora, o que é que ocasionou o pecado dos Anjos? Por que se revoltaram êles contra Deus?

São Lourenço escreve: "Imo quod ex hac infinita Christi-Hominis dignitate ortum habuit peccatum...", pois, como ensinam São Basílio, São Cipriano, Tertuliano e outros, Lúcifer pecou por ter invejado ao homem a dignidade divina, proveniente do mistério da Encarnação. Mistério que foi revelado aos Anjos, antes da criação do mundo.

E, por certo, o pecado dos anjos, que foi, segundo o ensinamento comum dos Santos Padres e da Tradição católica, a pretensão de ocupar o lugar de Deus, não parece ter cabimento se a interpretássemos como tentativa de destronar o mesmo Deus... Lúcifer é inteligente demais, para pretender a absurdidade de vir a ser êle o Deus Uno e Trino... Compreende-se, porém, fàcilmente, a revolta de Lúcifer e demais anjos, quando, nos planos de Deus, se viram pospostos a uma criatura inferior, qual é o homem, que, substancialmente unido ao Verbo, pelo mistério da Encarnação, teria direito às honras divinas.

Foi então que ressoou o grito de revolta: "Non serviam!" e desde aquêlê instante feriu-se, como escreve o Apóstolo São João, "praelium magnum", batalha que, iniciada no céu entre anjos revoltosos e anjos fiéis, continuou no paraíso terrestre, entre o anjo das trevas e Adão e continuará, até o fim dos tempos, entre o "semen mulieris et semen diaboli". Luta que tem como seu primeiro e grande protagonista o Primogênito dentre tôdas as criaturas, Cristo Jesus. O mundo sobrenatural divide-se em dois campos: Os que recebem o sinal de Cristo e os que são marcados pelo sinal da grande bêsta... e isto até o triunfo do Rei dos séculos.

O Santo continua citando o texto da Epístola a Tito, 1, 1-2: "Segundo a esperança da vida eterna, que Deus, o fiel, prometeu antes do comêço dos séculos". Deus prometeu a vida eterna, "antes do comêço dos séculos"; ela é, pois, anterior à criação do mundo e o homem foi predestinado em Cristo, antes do pecado de Adão.

Mas, para que o homem melhor apreciasse a grandeza de tamanho benefício, permitiu Deus que caísse sob a escravidão do demônio. Pois, diz o Santo, melhor apreciamos a liberdade,

depois da escravidão; melhor a saúde, depois da doença; melhor os benefícios de Deus, depois dos malefícios do demônio...

Assim, lemos na história do povo de Israel que Deus lhe prometera a Terra, onde corria leite e mel... mas, para que melhor apreciasse o que lhe fôra prometido, permitiu que o povo caísse sob a escravidão dos faraós do Egito. A Terra da Palestina não foi prometida a Israel, porque caíra na escravidão; mas, anteriormente e independentemente da escravidão. Ao povo que gemia sob a escravidão, Deus enviou Moisés e, por meio dêle, conduziu-o para a Terra da Promissão.

Da mesma forma, a Vida Eterna nos foi prometida, em Jesus Cristo, antes da criação, antes de Adão, antes do pecado; mas, tendo o pecado despojado a Humanidade do direito à Vida Eterna, veio o Filho de Deus, como Redentor, "ut saluum faceret, quod perierat: Para salvar o que perecera".

Êstes os argumentos que o Doutor Franciscano nos apresenta, em seu primeiro sermão "Super Missus est". Todos podem ver não se tratar de considerações, como poderiam sair da mentalidade de um filósofo "Otimista", nem são belas hipóteses... O Santo argumenta, baseado nas Escrituras, nos Santos Padres e da maneira mais sólida e convincente, querendo apresentar a todos uma verdade revelada por Deus.

2) "De Causis Divinae Incarnationis".

Passemos, agora, ao segundo sermão "Super Missus est", em que o Santo Doutor volta a falar abertamente do Primado Universal de Cristo. Êste sermão traz o título: "De Causis Divinae Incarnationis", e se encontra à p. 84 do *Mariale*; é muito mais resumido que o primeiro, nem quatro páginas inteiras de texto. E' dividido em três pontos. No primeiro ponto fala da "Mirabilis sympathia" do mistério da Encarnação do Verbo de Deus. No segundo ponto diz que o mistério da Encarnação tem como finalidade não só a redenção do homem, mas também sua glorificação. No terceiro trata das três causas dêste mistério: Salvação do mundo; glorificação de Cristo; manifestação da onipotência de Deus.

1) A "mirabilis sympathia" do mistério da Encarnação consiste na proporção antitética, entre a ruína e a reparação: *Doas mulheres, dois anjos*.

Na ruína, Eva, com sua desobediência e seu pecado; na reparação, Maria, com sua fidelidade e sua obediência. Na ruína, o anjo decaído, com sua perversa insinuação, que arrastou Eva à revolta contra Deus; na reparação, o Arcanjo Gabriel, com sua saudação admirável e seu anúncio, portador de alegria.

Quadro estupendo que, com certeza, o eloqüente Orador terá ilustrado com luzes e sombras perante a vista dos seus encantados ouvintes!

2) No segundo ponto fala da Redenção e da glorificação. O Santo entra, logo de início, no que poderíamos chamar “a questão polêmica do assunto”, dizendo: “Perquirunt autem sacri theologi, an, si non peccasset homo, venisset Christus in mundum, incarnatum fuisset Dei Verbum. Et multi quidem arbitratur... quod minime venisset...” e tentam provar sua asserção com as mesmas palavras de Cristo, Mt 9, 12-13: “Os sãos não precisam de médico, mas os doentes... porque não vim chamar os justos, e sim os pecadores”. E São Paulo, 1 Tim 1, 15, escreve: “Palavra fiel e digna de tôda a aceitação: Jesus Cristo veio a êste mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro”. E o Anjo disse: “Êle salvará o seu povo dos seus pecados”; e, quase sempre, nas Sagradas Letras, ensina-se que Cristo veio ao mundo para destruir o pecado, para reparar a injúria do pecado, para livrar do pecado o gênero humano... E o Santo continua citando os textos que dizem o que todo cristão deve crer como dogma de fé, i. é, Jesus Cristo veio a êste mundo, para restabelecer a ordem violada pelo pecado do Primeiro Homem.

Tudo isto é muito certo: “Verum, non una haec tantum causa in Sacra Pagina talis tantique Mysterii reperitur...”, pois São Paulo (1 Cor 2, 7) escreve: “Pregamos a sabedoria de Deus, no mistério, escondida, predestinada por Deus antes dos séculos para nossa glória”. E o velho Simeão, repleto de Espírito Santo, disse: “Os meus olhos viram a salvação, que preparaste ante a face de todos os séculos: Luz para iluminar as Nações, e glória de Israel, teu povo” (Lc 2, 31-32). Portanto, êste divino mistério não diz respeito sòmente à nossa redenção, mas se refere também à nossa *Glorificação* e isto “em Cristo Jesus”, antes da existência dos séculos, a saber: antes da criação do mundo.

Passa, em seguida, nosso Santo a examinar as palavras do Cântico da SS. Virgem, para descobrir nêle “multas causas multasque rationes” dêste mistério, e acha que aparecem nêle três causas do mistério da Encarnação: Deus realizou-o para manifestar sua Potência, sua Santidade, e sua Misericórdia.

“Omnia propter semetipsum creavit Altissimus” (Prov 16, 4): Todo o criado refere-se, necessariamente, à glória de Deus, considerado na Unidade da sua Natureza e na Trindade de suas Pessoas. Mas, ao mesmo tempo, tôdas as criaturas foram feitas para glorificar a Cristo, o Filho de Deus feito homem,

no qual a natureza humana foi elevada infinitamente acima dos mesmos Anjos.

“Hominem autem deificare, Deoque similem et aequalem facere, ac infinitis gradibus super Angelos constituere, opus est omnipotentis virtutis et bonitatis...” E Deus, para mostrar sua infinita Potência e Caridade para com os Eleitos, determinou o mistério da Encarnação, comunicando à criatura o tesouro infinito de sua santidade e tóda a luz solar de sua pureza; não como o homem na terra, e o anjo no céu, que podiam pecar; mas para que fôsse absolutamente impecável, e, por assim dizer, como o mesmo Deus: Sol de justiça, que não pode sofrer diminuição, ou eclipse, em sua luz”. Isto verificou-se, como é claro, no mistério da Encarnação, pelo qual Cristo, verdadeiro Homem, é, ao mesmo tempo, verdadeiro Deus: Sol de Justiça e Santo dos santos.

3) No terceiro ponto o Santo Doutor passa a falar explicitamente dos três motivos da Encarnação: A Salvação do mundo; a Glória de Cristo; a Potência de Deus.

A Salvação do mundo vem expressa no Nome santíssimo de Jesus, i. é, Salvador: “Porque salvará seu povo dos seus pecados” (Mt 1, 21).

A Glória de Cristo está na dignidade real de que será investido o Filho da Virgem Maria, “que será chamado Filho do Altíssimo e reinará eternamente na casa de Jacob” (Lc 1, 32).

A Onipotência de Deus é manifestada pelas palavras com que o Anjo anunciou a realização do mistério da Encarnação: “O Espírito Santo descerá sôbre ti, e a virtude do Altíssimo te fará sombra, por isso o Santo que nascerá de ti será chamado Filho do Altíssimo... porque nada é impossível a Deus” (Lc 1, 37). Cristo é Salvador, como o indica o seu nome, e como o prova o que fêz, para nos salvar.

Mas Cristo é *Salvador* perfeito, i. é, seu poder salvador estende-se a todos e teve sua realização de tôdas as maneiras. Porque Cristo salvou a nós, depois de têmos caído debaixo do poder escravizador do demônio; — Cristo salvou os Anjos, preservando-os do pecado, quando O reconheceram como seu Deus e Rei, d’Ele recebendo a confirmação na graça e a glória celeste; — Cristo salvou a Virgem Santíssima, predeterminando-A a ser sua Mãe, e não só preservando-A de todo o pecado, original e atual, mas derramando n’Ela maior graça do que em todos os anjos e homens.

O segundo motivo da Encarnação é a Glória de Cristo; pois, desde tóda a eternidade, foi Ele predestinado Filho de Deus, e para Ele foram criadas tôdas as coisas.

E o Santo Doutor serve-se desta comparação: Como a Arca da Aliança era o centro, para o qual convergia tôda a construção do Templo de Salomão; assim também tôdas as coisas criadas convergem para Cristo, como seu centro, seu fim. O Rei é o centro do reino; ora, Cristo é Rei universal, pois Ele disse: "Todo poder me foi dado, no céu e na terra" (Mt 28, 18).

O mesmo pecado de Adão concorreu para a glória de Cristo, porque, realizando Cristo nossa salvação, mostrou os infinitos tesouros de sua Potência.

Cumpriu-se, em Cristo, o desejo do homem de ser "similis Deo: semelhante a Deus", porque, hoje (dia da Anunciação), um verdadeiro Homem foi feito verdadeiro Deus.

O Profeta Isaías, falando dêste divino mistério, relata-lhe a causa, dizendo: "Um Menino nasceu para nós e um Filho nos foi dado; e foi pôsto o principado sôbre o seu ombro, e será chamado Admirável, Conselheiro, Deus, Forte, Pai do século futuro, Príncipe da paz... sentar-se-á sôbre o trono de David e sôbre o seu reino, para o firmar e fortalecer pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre: fará isto o zelo do Senhor dos exércitos" (Is 9, 6-7).

E o Santo Doutor conclui: "Quod manifeste Christi gloriam declarat, et divinam erga Christum caritatem; Deus enim super omnia Christum diligit, et omnia propter Christum". Se de fato *tudo* foi feito para Cristo; se Deus ama a Cristo mais do que qualquer outra criatura, é manifesto que a glorificação de Cristo foi a causa da mesma criação, constituindo os anjos e os homens a Côrte de Cristo-Rei.

O fim último de tudo: dos homens, dos anjos e do mesmo Cristo, é a glória de Deus, conclui o Santo. Nem poderia ser diferente, como o prova a razão e a revelação.

Deus manifestou sua sabedoria e seu infinito poder, na criação do mundo material; mas todo o criado, frente a Deus, é um *nada*.

Deus recebe sua glória formal na criação dos seres inteligentes: anjos e homens. O homem é o microcosmos, compêndio de todo o criado.

Cristo, porém, "mundus est non parvus, non microcosmos; non magnus, non macrocosmos; sed ter maximus — *Cosmos Trismeghistos*. — Homo est, sed Deo aequalis — In quo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter".

Em Cristo e por Cristo, a maior obra de Deus na criação, o Criador recebe a máxima glorificação, tanto pela obra em si, como pela glória formal, que a alma bendita de Cristo,

desde o primeiro instante de sua existência, tributa ao Pai Todo-poderoso.

* * *

Terminamos de expor o que São Lourenço de Brindisi, Doutor da Igreja Universal, apresentava ao povo cristão do século XVI e XVII sobre o inefável mistério da Encarnação do Verbo de Deus.

O Santo Doutor, comentando textos da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, oferece-nos o admirável plano das obras de Deus:

Primeiro Cristo, Deus e Homem verdadeiro, com a plenitude da graça e da glória.

Depois de Cristo, as demais criaturas, catalogadas pela sua aproximação de Cristo. — Conseqüentemente, o primeiro lugar para Aquela que, pela santidade e pela glória celeste, mais se aproxima de Cristo: a cheia de graça, a Virgem Imaculada, a Santíssima Mãe de Deus.

Maria forma com seu Divino Filho como que um todo único; portanto, conservadas as devidas proporções, tudo o que se diz de Jesus pode-se aplicar a Maria, como faz a mesma Santa Igreja, em sua Liturgia, v. gr., na Festa da Imaculada: “O Senhor me possuiu no início de seus caminhos, desde o começo, antes que criasse alguma coisa...”

A Mãe de Deus é “a Primogênita antes das demais criaturas”, como Jesus é o Primogênito, antes de toda criatura.

Depois de Maria, Rainha Universal, os anjos e os homens, predestinados em Cristo e que de Cristo receberam todas as graças e são destinados a formar, para todo o sempre, a Corte do Rei, na glória e na bem-aventurança do céu.

Nesta harmoniosa síntese teológica, Cristo ocupa o lugar que Lhe compete, no plano da criação e da elevação: Primogênito dentre todas as criaturas; Rei dos anjos e dos homens; Cabeça do Corpo Místico da Igreja, na sua plenitude, constituída de todos os Eleitos.

Não há, e os mesmos adversários do Primado Universal o confessam, não há quem possa negar a esta concepção teológica do plano divino uma esplêndida e admirável harmonia.

Mas esta esplêndida e admirável harmonia não é somente racional: baseia-se, como escreve São Francisco de Sales e como o prova o penetrante exegeta São Lourenço de Brindisi, nas fontes da Revelação divina. Temos, pois, a admirável harmonia de um plano pensado e realizado por Aquêlle que faz todas as coisas “com medida, conta e peso” (Sab 11, 21).